



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

REVITALIZAÇÕES NO ESPAÇO URBANO DE JOÃO PESSOA E SOCIABILIDADES DE BAIRRO

Tereza Correia da Nóbrega Queiroz

Universidade Federal da Paraíba

queiroz.tereza@gmail.com

Mônica Franch

Universidade Federal da Paraíba

monicafranchg@mail.com

INTRODUÇÃO

Boa parte dos estudos contemporâneos sobre a cidade tem explorado os efeitos dos processos de renovação e ou revitalizações urbanas sobre a tessitura das relações sociais, envolvendo questões como a intensificação ou não da segregação urbana, o declínio ou revigoramento do espaço público, o incentivo ou desestímulo ao convívio nos espaços urbanos, dentre outros aspectos.

Esse trabalho dialoga com essas questões, a partir da experiência da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, que nas últimas décadas vem experimentando transformações complexas, entre as quais uma maior intervenção do poder público municipal nos equipamentos urbanos públicos, como praças, parques e jardins. Entretanto, essas intervenções que seguem alguns princípios urbanísticos considerados hegemônicos entre urbanistas e gestores das cidades contemporâneas trazem a marca dos personagens locais, tanto dos planejadores quanto dos usuários dos espaços, e sugerem uma atenção cuidadosa aos diferentes processos que elas ensejam. Os usos e contra-usos, os efeitos dos processos de requalificação urbana sobre a sociabilidade dos moradores de diferentes espaços diferenciam-se em decorrência das culturas de bairro, do nível sócio-econômico dos usuários, das histórias locais, dos estilos de moradia e da própria criatividade dos personagens.



João Pessoa é uma cidade de porte médio, e possui, segundo o IBGE, em 2011, 723.515 habitantes. Vem passando nas últimas décadas por um processo de crescimento urbano acelerado, que se traduz na expansão de seu território construído e no aumento da segregação urbana com maior concentração de moradias de elevado padrão construtivo em algumas áreas da cidade e na ampliação do número de favelas, em outras.

A cidade vem barganhando também seu ingresso no chamado “mercado das cidades” procurando, através de distintos mecanismos, atrair fluxos turísticos e de capitais para o seu espaço, com a requalificação de determinados equipamentos e territórios da cidade, e pela construção de um imaginário de cidade verde, cidade bela e tranquila, além de celeiro de artistas de variadas expressões, com raízes em numa cultura popular vigorosa. Os conflitos e demandas dos habitantes e moradores da localidade por ampliação da cidadania e por direito à cidade também repercutem sobre as iniciativas promovidas pelo poder público.

Em João Pessoa, um dos instrumentos de intervenção do poder público tem sido a “revitalização de praças, parques e jardins” em muitos de seus bairros, visando a melhoria da qualidade de vida da população, a disseminação de práticas saudáveis e o retorno da população aos espaços públicos.

Esse artigo se propõe a discutir os diferentes efeitos que essas intervenções produziram em dois bairros distintos da cidade, que se destacaram por resultados até certo ponto contrastivos, sugerindo reflexões sobre os motivos desses resultados.

AS PRAÇAS E OS PROCESSOS DE REQUALIFICAÇÃO

Os espaços públicos são espaços de convívio, de encontro com o outro, com a alteridade, onde se confrontam diferenças, se explicitam conflitos e se praticam também a urbanidade e a política. Nesse sentido, o espaço urbano apenas se torna público quando é investido de significação pelos seus moradores (Proença, 2002). São a apropriação e o uso continuado por parte da população que transformam os equipamentos urbanos em espaços vivos e cheios de sentidos.



As praças são consideradas como espaços públicos urbanos destinados à convivência e ao lazer dos cidadãos, acessíveis a todos e livres de veículos. Embora elas tenham sofrido modificações ao longo do tempo, seu caráter social permaneceu como sua principal qualidade intrínseca (Robba e Macedo, 2003). Elas podem ser vistas como espaços públicos privilegiados nos quais se encenam as relações sociais e se exercita a sociabilidade urbana.

As praças contemporâneas, munidas de equipamentos variados para permitir o lazer e divertimento de seus usuários, guardam semelhanças, mas também significativas diferenças, com as praças de outros períodos históricos. Olhar para as praças implica, portanto, dialogar com as reconfigurações do urbano em cada época, que determinam sentidos diferentes para o espaço público e para as sociabilidades ali desenvolvidas.

Por sua vez os bairros de grandes cidades são diferenciados entre si e internamente, e estão em constante transformação, dando expressão a diferentes lógicas de sociabilidade e de apropriação de espaços públicos, envolvendo a ressignificação de traçados e intenções arquitetônicas pré-estabelecidas. Leite usa a expressão contra-usos para referir-se às práticas inovadoras dos habitantes da cidade, que sempre encontram maneiras de redefinirem os usos oficiais de espaços públicos e de ultrapassarem fronteiras apropriando-se daqueles espaços, atribuindo-lhes sentidos e construindo identidades. São processos que transformam espaços em lugares (Leite, 2002). A movimentação pela cidade, longe de ser anônima e impessoal, traduz muitas vezes uma apropriação simbólica do traçado urbano, que passa a ser cartografado em pedaços, circuitos e trajetos ligados a estilos de vida diferenciais (Magnani, 1996).

As políticas de revitalização urbana em que se inserem as intervenções que visam à recuperação ou implantação de praças abrem um campo amplo de reflexões sobre o urbano: como essas políticas interagem com as diferentes localidades em que se inserem? Até que ponto elas interferem nos processos de individualização e de desertificação dos espaços públicos? Como interagem com os saberes e culturas locais? Como interferem nas relações de vizinhança e na construção e destruição de lugares?



No contexto das cidades contemporâneas as praças vêm assumindo feições diversificadas, podendo designar desde pequenas áreas destinadas ao esporte em bairros habitacionais, até os complexos que articulam grandes artérias em áreas centrais da cidade. Elas são um dos alvos das políticas urbanas que procuram, mediante sua modernização e requalificações, controlar os índices de violência urbana, respondendo simultaneamente a determinadas dinâmicas da população que demanda espaços de lazer, equipamentos de esportes, embelezamento dos bairros e outras.

Em função do espaço em que estão situadas, as praças podem assumir funções diferenciadas (Robba e Macedo, 2003): nas áreas centrais elas devem amenizar as condições climáticas, melhorando a qualidade do ar e o conforto térmico, e servindo também para organizar o fluxo de pedestres; em áreas habitacionais elas são utilizadas como espaço de sociabilidade e servem também para a prática de esportes e lazer contemplativo; incluem ainda a recreação infantil e o consumo cultural.

Além disso, a configuração do bairro e de seus habitantes assim como suas peculiaridades culturais e suas diversidades internas podem influenciar os modos de utilização e apropriação das praças.

Para refletir sobre essas questões foram escolhidas duas praças recentemente revitalizadas, situadas em bairros distintos da cidade de João Pessoa: a praça Tiradentes, que apresentou uma intensa utilização pelos moradores do bairro, e a Alcides Carneiro, que apresentou uma utilização mais esporádica com explicitação de segmentações nítidas entre grupos sociais distintos. Como são utilizadas as duas praças? Quem as usa e como usa? Quais as implicações da requalificação nas relações entre moradores do bairro entre si e com pessoas de outros bairros? Qual a repercussão dessa ação na identidade de bairro? O que explica as diferenças nos modos de utilização?

OS BAIROS E AS PRAÇAS

O bairro da Torre é um dos mais antigos da cidade. Inicialmente era um bairro eminentemente residencial e a partir, sobretudo da década de 80, vem agregando um vigoroso comércio em algumas de suas ruas centrais (Monteiro, L. e Bastos, Y., 2010).



Não se trata de um bairro homogêneo envolvendo também comunidades com moradores vivendo em situação de risco social, como a Brasília de Palha, a Padre Hildon Bandeira e a São Rafael. Dispõe também de moradias populares tradicionais como vilas ao lado de construções mais modernas e de melhor padrão construtivo, situadas principalmente ao longo da avenida Beira Rio. Os moradores do bairro propriamente dito e os das comunidades do entorno usam os mesmos equipamentos de lazer e participam juntos de atividades culturais e desportivas. Não se evidenciam segregações pronunciadas entre eles.

De modo geral, seus moradores apresentam uma rica tradição cultural. O bairro possuía antigamente diversas manifestações de cultura popular, como cocos de roda, quadrilhas juninas, tribos indígenas, blocos e agremiações carnavalescas, entre outros. Muitas delas ainda hoje têm seus continuadores e permanecem em atuação além de guardarem certo parentesco com manifestações contemporâneas de cultura sobretudo na área musical. A identidade dos moradores do bairro é forte e está presente nas vozes e canções de seus músicos, de seus times de futebol e respectivas torcidas.

A praça Tiradentes, desde o início de sua construção, atraiu os moradores do bairro, tornando-se importante foco de sociabilidade. Mello (1990), (apud Monteiro, L. e Bastos, Y, 2010) destaca a importância dessa praça na vida social do bairro, que envolvia o uso intenso de suas quadras esportivas, principalmente com os jogos de vôlei e futebol, além do coreto, palco de apresentações musicais e de folguedos populares. Era também na praça que os jovens se encontravam para encontros e namoros.

Nas últimas décadas a praça esteve abandonada pelo poder público, e pequenas iniciativas que envolveram a parceria público x privado não funcionaram para a recuperação da praça e de seus equipamentos.

Em 2006 a prefeitura municipal inicia um processo de recuperação da praça, que é re-inaugurada em 2007, passando a contar com os seguintes equipamentos: 24 bancos de concreto, quatro mesas com tabuleiros de dama e xadrez, com bancos, duas quadras de concreto (reformadas) e duas de areia, para jogos de futsal e vôlei, uma caixa de areia



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

com casa park para crianças, três barras (uma paralela e duas frontais), passeios internos e externos calçados para a prática de Cooper, além de jardinagem e canteiros gramados.

O bairro de Manaíra situa-se no litoral da cidade e vem passando por um crescente processo de valorização. Antigamente era habitado por colônias de pescadores que retiravam seu sustento da atividade pesqueira e, ao final do ano, por veranistas moradores do centro da cidade ou de cidades do interior do Estado que possuíam casas rústicas para o período de férias. As elites locais habitavam predominantemente o centro da cidade. Com a abertura de avenidas ligando o centro à praia teve início um processo de deslocamento de moradias em direção à praia, e o bairro de Manaíra passa a ser intensivamente ocupado por pessoas de classe média ou alta. Esse processo se intensifica, sobretudo a partir da década de 60, período em que através do projeto Cura se amplia a infraestrutura do bairro (Guimarães, A. S. e Santana, C. V., 2010).

Na mesma época ocorre uma invasão de área nas proximidades do bairro, constituindo-se gradativamente uma favela de grandes dimensões, situando-se às margens do rio Jaguaribe. Essa área foi alvo de diversas tentativas de remoção até a década de 80 quando foram implantados projetos de urbanização da área e de melhoria das habitações, transformando-se a favela em bairro S. José. Apesar de pequenas melhorias em sua infraestrutura o bairro concentra até hoje uma população que vive precariamente, sobrevivendo em sua maioria de biscates ou sub-empregos. É uma área fortemente estigmatizada, apresentando índices elevados de violência urbana.

Na década de 80 o bairro de Manaíra passa por um processo intenso de verticalização. Disseminam-se edifícios elevados, direcionados aos grupos de classe média e classe média alta, que se apresentam como modelos de moradia mais modernos e propiciadores de um novo estilo de vida. Além dos aparatos de segurança que se dispõem em suas muralhas, seu estilo arquitetônico sugere modos de vida mais individualizados, centrados no âmbito privado.

A Praça Alcides Carneiro tem uma grande dimensão e dispõe, após a recuperação, de 22 bancos, aparelho de musculação, playground, duas quadras de areia, uma para futebol, outra para vôlei, boa iluminação, dois holofotes para a prática de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

esportes à noite além de área espaçosa para caminhada. Antes da revitalização, que melhorou a iluminação do local, além da introdução dos equipamentos já citados, a praça era pouco utilizada pelos moradores do bairro.

SOCIABILIDADES E USOS DAS PRAÇAS REVITALIZADAS

As diferenças entre os dois espaços estudados surgem logo à primeira vista com o número de pessoas concentradas nas praças. Na praça Tiradentes, a aglomeração de pessoas é bem densa em vários momentos do dia, enquanto na praça Alcides Carneiro a frequência é mais difusa, apresentando-se como um espaço vazio em boa parte do dia.

O significado atribuído as duas praças é também diferenciado. Os moradores da Torre, usuários da praça, destacam sua função de lugar de encontro, de lugar de reativação de laços comunitários e de práticas de esporte ou de cultura, de caráter mais coletivo. Em Manaíra, nas falas sobre a praça os temas da violência, da “invasão” do espaço pelos moradores da “favela” é recorrente. Atravessa esses discursos uma ideia de privatização do espaço da praça para os moradores do bairro, certa reprodução de uma ideia de cidade fragmentada, formada por ilhas que não se comunicam entre si, principalmente quando se trata de comunidades que são diferenciadas do ponto de vista sócio-econômico. Foi no entorno desta praça que fomos informados da existência de uma reunião entre os moradores de um condomínio para discutir formas de “vigilância sobre a praça”. Além disso, atribui-se aos moradores do bairro S. José a origem de todos os problemas urbanos ali situados. O medo do espaço público, pensado como lugar do perigo, prevalece sobre qualquer virtuosidade a ele atribuída e dificulta a abertura dos moradores para novas possibilidades de interação.

Na praça do bairro da Torre, ouviu-se também um discurso sobre a violência mas esse não impede sua frequência nem os contatos e encontros entre os moradores naquele espaço. Pelo contrário, a praça propiciou uma retomada de uma sociabilidade de vizinhança que parecia vir se diluindo com o aumento dos índices de violência da cidade e a introdução de valores individualistas. Na Torre, a memória da sociabilidade de vizinhança é recente e facilmente acionada pelas possibilidades dos atuais encontros na praça. As moradias ainda são horizontais em sua maioria, e apesar do aumento na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

altura dos muros e das grades, ainda é possível reencontrar os vizinhos, não só nas calçadas e bares, mas também na praça.

Em Manaíra, alguns usos da praça permanecem individualizados. Assim, os moradores saem para levar os cachorros para passear, mas não permanecem nos espaços da praça para conversas mais alongadas e descontraídas com os vizinhos. Em alguns momentos a praça traduz a heterogeneidade do entorno, com a presença de estudantes da escola pública do bairro S. José, famílias, trabalhadores da construção civil, casais de namorados, skatistas, mas as fronteiras entre eles permanecem nítidas apesar de invisíveis.

Na prática de esportes e na ocupação da praça ficam explícitas, em determinados momentos, as práticas de segregação. Criam-se assim zonas de exclusão, fronteiras simbólicas que se estabelecem entre os moradores de Manaíra e os do bairro S. José, de forma que, quando um grupo ocupa uma determinada área ela passa a ser evitada pelo outro. Nos times que se exercitam nas quadras não há mistura entre jogadores das distintas áreas. Apenas nos sábados a tarde ocorre um jogo de vôlei socialmente heterogêneo.

Na Praça da Torre, os moradores do bairro propriamente dito e das comunidades vizinhas se misturam sem maiores problemas. Essa coexistência acontece nos jogos de futebol e de vôlei, nas agremiações carnavalescas e em outras festividades.

Um exemplo da importância da praça na vida dos moradores desse bairro reflete-se, por exemplo, no cuidado com ela, antes mesmo do processo de revitalização. São diversos exemplos de moradores que se encarregaram pessoalmente de sua limpeza e ordenamento, mesmo quando a gestão pública se fazia ausente. Alguns equipamentos foram doados por seus moradores e usuários. A prática de esportes também antecede a revitalização, gerando a formação de times de futebol com certa repercussão no cenário esportivo da cidade. São fatos que revelam a constituição e simultaneamente um reforço da identidade de bairro, que se mostraram importantes na retomada da praça, no uso de seus equipamentos e espaços, após sua recuperação.



Os bares da Torre que circundam a praça tem também um “cara” local, atraindo em sua maioria os moradores da área, ao contrário dos que se estabelecem no entorno da praça de Manaíra, que têm características mais impessoais, mesmo quando agregam referências culturais locais a seus produtos e serviços.

Essa aglomeração de vizinhos nos bares da Torre ocorre de forma evidente em dias de jogos que envolvem times nacionais importantes. Nessas ocasiões, um dono de um bar localizado bem próximo à praça Tiradentes projeta imagens do jogo em uma parede branca situada em frente. Essa projeção atrai grande quantidade de moradores, formando-se verdadeiras torcidas que confraternizam ou “se lamentam” em conjunto. Trata-se de outra manifestação de práticas coletivas compartilhadas pelos moradores do bairro. Manifestações dessa natureza são impensáveis nos bares e restaurantes do entorno da Praça Alcides Carneiro onde predominam relações marcadas pela impessoalidade entre proprietários e freqüentadores e entre os próprios frequentares.

Em Manaíra observou-se também uma prática comum em cidades pequenas do Estado, que é a de colocar cadeiras nas calçadas e praças para bater papo, tocar violão, contar casos. Entretanto essa prática em Manaíra foi adotada apenas por uma extensa família de proveniência sertaneja, que reproduz no espaço da praça contemporânea um uso tradicional de sua cidade de origem. Esse grupo familiar ampliou os limites do agrupamento familiar inicial com a formação de um bloco carnavalesco que desfila na Praça Alcides Carneiro no período do carnaval. Mas, talvez seja revelador do individualismo disseminado entre os demais moradores do bairro, que essa prática tenha se restringido apenas aos membros dessa família, que surgem de vários locais da cidade e do estado para participar do evento. Chama a atenção o fato de que essa manifestação que ocorre no espaço público da praça não consegue ultrapassar os limites familiares para tornar-se uma manifestação de moradores do bairro. Uma questão a ser investigada é sobre os processos de constituição de identidades de bairro em espaços verticalizados como o do bairro de Manaíra.

Essas experiências demonstram que a relação entre programas de revitalização e padrões de sociabilidades urbanas não são uniformes. Frequentemente, criam-se grandes



expectativas em torno desses programas como se fossem capazes, de reorientar comportamentos de forma imediata. Como afirma Fonseca, “os padrões de socialização de um determinado grupo tem implicações diretas nos espaços de uso coletivo da cidade” (Fonseca, 2005:37).

Na praça Alcides Carneiro, os usos da praça se dão de forma fragmentária, agrupando pessoas de mesma condição sócio-econômica que não se misturam em atividades comuns. A maioria dos prédios do entorno da praça possui áreas privativas de lazer, sendo a praça considerada por boa parte dos moradores como um espaço perigos, que deve ser evitado. A verticalização e outras intervenções arquitetônicas no bairro têm implicações na cultura urbana e nas relações com os moradores, promovendo uma maior descontinuidade entre os espaços da casa e da rua (Prost, 1992).

O modelo de moradias em apartamentos adotado no bairro de Manaíra traz embutida em suas formas uma lógica de organização da sociabilidade, da vida familiar e da relação com os vizinhos, destacando-se as idéias de reclusão para o espaço da casa e distanciamento em relação à vizinhança. Além disso, a proximidade da beira-mar e seus calçadões diminui o poder de atração da praça para os usos de práticas de lazer, esporte e sociabilidade que não se realizam com muita intensidade naquele local. Esses fatores ajudam a entender os diferentes usos que fazem os moradores desse bairro, mais centrado em atividades pontuais como caminhadas e esportes, que não necessariamente propiciam laços de vizinhança.

Como vimos na experiência do bairro da Torre, outros aspectos são importantes para explicar os usos e apropriações dos espaços da praça nos diversos bairros da cidade. Um deles é a cultura de bairro, o conjunto de práticas cotidianas, relações de vizinhança, de parentesco, de músicas, ritmos, manifestações artísticas e esportivas, culturas tradicionais e culturas urbanas que conferem expressividade e identidade aos moradores que compartilham um espaço contíguo de moradia. A memória social compartilhada e referência identitárias comuns favorecem o uso e apropriação de espaços coletivos abertos como o das praças. No bairro que experimentava certa deterioração de sua praça tradicional houve uma rápida retomada do espaço público



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

após a revitalização da mesma, com a recuperação de práticas tradicionais, a renovação de antigas amizades e a invenção de novos usos do espaço. A sociabilidade de vizinhança, que experimentava certo declínio, foi retomada com vivacidade assim que encontrou ambiente propício para o seu desenvolvimento.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Teresa Pires do R. *Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. Novos Estudos*, CEBRAP, n. 47, São Paulo, março, 1997.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

FONSECA, Maria de Lourdes P. F. “Padrões sociais e usos do espaço público” in *Caderno CRH/FFCH/UFBA*, v. 18, n. 45, set./dez. 2005.

GUIMARÃES, A. S. e SANTANA, C. V. “O bairro de Manaíra e a Praça Alcides Carneiro. In FRANCH, M. e QUEIROZ, T. *Da casa à praça. Um estudo da revitalização de praças em João Pessoa*. Belo Horizonte/MG: Argumentum, 2010.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução de T. C. Netto. São Paulo: Documentos, 1968.

LEITE, Rogério Proença de S. L. *Espaço Público e política dos lugares. Usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP, 2001.

MAGNANI, José Guilherme. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In Magnani, J. C. e Lília de Lucca Torres (orgs.). *Na Metrópole – textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.

MONTEIRO, L. e BASTOS, Y. “O bairro da Torre e a Praça Tiradentes” in FRANCH, M. e QUEIROZ, T. *Da casa à praça. Um estudo da revitalização de praças em João Pessoa*. Belo Horizonte/MG: Argumentum, 2010.

PROST, Antoine. “Fronteiras e espaços do privado”. In *História da Vida Privada. Da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROBBA, F. e MACEDO, S.S. *Praças brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy C. Cidade, habitus e cotidiano familiar. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público. As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.